

Editorial Trilhos IV

Thaís Brito e Regiane Oliveira

Há alguns anos, quando começamos a elaborar a Revista Trilhos, desejávamos que este fosse um espaço polissêmico, um lugar a ser ocupado por uma possibilidade de confluências teóricas, de práticas analíticas um pouco anárquicas e de ousadias metodológicas. Pensávamos, ainda, que a revista poderia receber pesquisadores interessados em compor uma espécie de laboratório, desde que obedecessem às regras da ABNT!

O nome da revista - escolhida após uma longa discussão que percorreu uma tarde, trancados em uma sala sem muita iluminação, sob o calor típico da região - fazia uma clara alusão à canção de Caetano Veloso e cuja escolha revelava o desejo de encontrar um rumo capaz de nos conduzir a outros lugares e encontros, afinal, trilhos permitem trânsitos. Imaginamos cores intensas para cada dos números desta empreitada editorial, pensamos em uma marca que contasse sobre o cotidiano da vida do povo de Santo Amaro, cogitamos capas com imagens acachapantes que guardassem bons textos, frutos de novas metodologias e de outras experimentações.

A Trilhos poderia ser, ainda, uma espécie de mapa de nossa imaginação sobre a educação formal em um território múltiplo ou, quem sabe, sobre as possibilidades de formação acadêmica que poderíamos criar no Recôncavo a partir da chegada da universidade em uma cidade que desde os movimentos de independência clamava pela presença de uma instituição de ensino superior. Deste modo, os nossos desejos incluíam uma formação acadêmica, relevante para a comunidade, importante para as artes e para a ciência, e comprometida com o tempo presente também estariam registradas nas páginas da Revista Trilhos.

Nestes 10 anos do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e IV Número da Revista Trilhos, entre implantação de centro, descobertas de caminhos burocráticos do serviço público, golpes e greves, pandemia e ameaças à democracia podemos afirmar que, entre erros e acertos, muito de nossa imaginação se tornou real, desdobrando-se em várias possibilidades (a própria Revista Trilhos tem o “seu” Caderno da Trilhos), e temos, de muitas maneiras, sido relevantes para a

comunidade, seja ela acadêmica ou não. Este número, de muitos modos, trata um pouco sobre este caminhar.

“Vida Nua”, série produzida durante a pandemia de COVID 19 pelo artista visual Anderson Santos, pode ser vista como uma metalinguagem daquele período e dos atravessamentos que, de forma indistinta, perpassaram a todos. Imagens construídas digitalmente que potencializam o experimento artístico e nos aproxima, visualmente, dos agenciamentos exercidos pelo ambiente digital no nosso cotidiano.

Esta série projeta os extremos a que estivemos expostos durante o período de confinamento. Há, entre as obras, uma cena familiar, no qual os olhares estão fitos em uma espécie de lente imaginada, ali, as crianças usam camisetas lúdicas como se estivessem em outra dimensão enquanto o corpo feminino os protege do cenário de fim de mundo. A nudez, às vezes, vibrante e noutras repousada explicita nossas vulnerabilidades, mas também as guarda. As mulheres de Anderson são um tipo de Vênus, numa versão tropical; ora aparecem cobertas de sangue ou de urucum, se seguirmos as referências de certos povos indígenas que ressoam na tela, ora serpenteiam a paisagem tropical, caótica, midiática, confinadas entre barras que formam uma espécie de cabana, separando-se de semi-fósseis atucanados. Os mesmos nus apontam, ainda, para diferentes formas de envelhecimento, que igualmente elucidam a diversidade de tempos que nos constituem. O corpo é central, mas não é o único quem agencia a vida.

Dentre artigos, entrevistas, experimentos, traduções, poesias, ensaios já publicados nestes primeiros quatro anos da Revista Trilhos, o retrato “Eu sou Terezinha” é, talvez, o exercício mais experimental por nós publicado. A começar de sua autoria - no qual o pesquisador é o segundo autor -, caminhando pelo processo de construção das narrativas de uma mulher extraordinariamente comum até a forma, quase cartográfica, de redigir o texto que, sem excluir as surpresas que são da ordem do inexplicável, nos aproxima da história social do Recôncavo. Inclusive, vale o destaque em que há duas circunstâncias que mantivemos fragmentos texto escrito em itálico, como indicativo das autoras e sem qualquer referência à ABNT, uma das ocasiões marca o registro da leitura de uma pesquisa realizada por Terezinha sobre um espaço importante de sua vida e da região e, noutra ocasião, em um momento de incorporação.

É interessante observar que, se em um primeiro momento, este “registro de vida” poderia soar como uma entrevista, logo o leitor perceberá que entrevistado e entrevistador se fundem em prol do engajamento para a construção de uma narrativa e de um aprendizado mútuo. Assim, expande-se a ideia da trajetória, porque Terezinha emerge como um fractal, sua história espelha a vida do Recôncavo e de suas mulheres, do mesmo modo em que articula economia de um lugar e possibilidades políticas da vida.

Agência é tema do artigo de Maurício Acuña. Aqui, é o berimbau que encarna seu papel de intencionalidade, de mestre: é o educador de corpos, quem ensina o ritmo, mas também a hierarquia e a submissão, quem aproxima continentes “ativando uma memória ancestral” e rompendo tempo-espaço a partir da roda, quem interpreta o tempo histórico e, como consequência “alimenta a imaginação nacional”.

Para observar a agência, a imaginação e os caminhos da interação do instrumento, Acuña percorre narrativas diversas. O antropólogo segue os

manuscritos, coleta memórias e registros historiográficos, observa as canções e as publicações de periódicos sobre a música popular brasileira que tem no berimbau seu mote e analisa documentários produzidos por capoeiristas para tentar entender como o berimbau atua no longo espectro “docilidade - utilidade” na elegante balança de luta e dança da performance da capoeira.

Aprender é um tema que nos interessa desde a primeira publicação da Revista Trilhos e, nesta edição, perpassa boa parte das reflexões. Um exemplo deste interesse se revela nas questões relacionadas à educação para as artes e para as tecnologias à luz da formação profissional de artistas multiperceptivos e interdisciplinares. No artigo “O coro cênico, aspectos didáticos e a construção de um repertório”, Marcelo Brazil se debruça, no primeiro momento, para uma revisão teórica nos estudos brasileiros dedicados a este tema, observa que, mais do que dificultar a interação do teatro e da música na prática do coro cênico, o que se cria é uma separação desnecessária para a educação do movimento corporal e para o uso da voz. Deste modo, o autor revalida e retoma sua hipótese na qual entende que o coro cênico é uma ferramenta facilitadora do processo de aprendizagem, tanto como técnica vocal quanto como expressão cênica. Entretanto, observa que o desafio é o da produção de repertório adequado e mobilizador do processo de ensino-aprendizagem. Tema que se repercutirá nas discussões do Dossiê.

Desde o segundo número, temos compartilhado a concepção da Revista Trilhos com os organizadores dos Dossiês. Este tem sido um processo interessante que se estruturou por meio de parcerias institucionais consolidadas através de Grupos de Pesquisa, sejam eles nacionais ou internacionais, como vimos nos dossiês: “Mobilidades, Controle e Resistência: jornadas e inclusões diferenciadas” e “Práticas sonoro-musicais: raças, gêneros e conexões comunicacionais”. Desde então, os artigos apresentados no contexto dos dossiês são selecionados e acompanhados pelos organizadores, que exercem sua liberdade acadêmica ao escolher os temas e os autores que contribuíram para cada uma das edições. Desta vez, não foi diferente. O conteúdo dos artigos reflete as opiniões e pesquisas dos autores e organizadores, e não corresponde, necessariamente, ao ponto de vista do corpo editorial da revista. Valorizamos e respeitamos a liberdade de cátedra, essencial para o desenvolvimento do conhecimento e do debate acadêmico.

Composto por sete artigos e uma entrevista, o dossiê “Culturas currículo e formação: mediações interculturais contemporâneas”, organizado por Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus, Eusébio A. P. Gwembe e Sílvia Michele Lopes Macedo, agrega pesquisadores brasileiros, moçambicanos e portugueses e apresenta uma ampla discussão sobre o diálogo entre cultura e educação.

Considerando as especificidades de cada país e suas diferentes experiências educacionais, busca-se suscitar o debate sobre as possibilidades de formação - inclusive, não formais - que emergem de distintos códigos culturais, da mesma forma que intenta elucidar de que maneira as práticas educacionais são, igualmente, agenciadoras de linguagens da cultura.